

XXXIX Congresso da Associação Portuguesa de História Económica e Social  
Memória social, Patrimónios e Identidades

Universidade do Porto, 13-14 de Novembro de 2009

Proposta de comunicação:

***Espaços de memória social: a topografia do tabelionado de Coimbra na primeira metade do século XIV***

Marisa COSTA

Bolseira de investigação (Centro Inter-Universitário de História da Ciência e da Tecnologia-FCUL)  
[costa.misc@gmail.com](mailto:costa.misc@gmail.com)

Palavras-chave:

História social, Tabelionado, Coimbra, Idade Média

Resumo:

No final do século XIII, Coimbra já tinha perdido a sua centralidade enquanto capital política de Portugal. Todavia, a transferência da sede do poder real para Lisboa, por ordem de D. Afonso III cerca de cinquenta anos antes, não havia afectado demasiado o seu panorama urbano, o mais expressivo do reino até então. De facto, no conturbado século XIV Coimbra continuaria a ser o importante burgo que alimentava e, ao mesmo tempo, era alimentado por toda a sua extensa área peri-urbana e rural. De igual modo, continuaria a manter a grande diversidade social dos seus habitantes, autóctones e forâneos, imprimindo-lhe, por causa ou por efeito, uma intensa vitalidade económica e um colorido rebulício comercial.

Mergulhada, então, nas suas múltiplas actividades, a população que vivia e trabalhava na cidade circulava pelos dois núcleos essenciais, formados em (con)sequência do próprio relevo: a parte alta – a almedina – e a parte baixa – o arrabalde –. Era no arrabalde que a vida urbana por definição se processava, pois na sua malha articuladora de ruas e praças residiam e laboravam mercadores, comerciantes, todo o tipo de artesãos. Era no arrabalde que os negócios se fechavam, que as mercadorias e os bens de consumo circulavam, que o dinheiro e a riqueza se concentravam. E os tabeliães, elemento-chave deste universo efervescente, acompanhavam os inúmeros afazeres da sua população, deixando constância e memória de datas e de eventos, mas também de espaços e de lugares.

Por esse facto, o legado do exercício do ofício de dezenas de profissionais da escrita em Coimbra ao longo da Idade Média possibilita não só o estudo das actividades económicas das comunidades e respectivos membros, como permite uma análise das relações sociais dos cidadãos em múltiplas facetas, como sejam os seus cenários e as expressões topográficas das suas manifestações. Bastará, para tal, considerar os actos escritos no seu todo, tentando ir além das primeiras leituras que, por norma, deles se fazem. Há simples informações que podem revelar-se de grande utilidade. Por exemplo, a indicação da data tópica.

Como o registo da data de redacção do documento, na sua forma mais completa, tornou-se obrigatório em Portugal no início do século XIV, no seguimento de uma ordenação régia que pretendia normalizar o ofício do tabelionato, é possível contemplar uma identificação desse exercício na sua topografia, contribuindo, assim, com mais um elemento de trabalho para o estudo do espaço urbano. De um universo documental tão rico como goza a cidade de Coimbra para o período medieval, que conta com fundos tão vastos que até se torna utópico querer conhecer tudo, muito de facto se pode extrair para a reconstituição da sua memória social, sem nunca se poder dar por concluída a tarefa.